

## **GEPOLÍTICA E IMPRENSA: RICHARD EDES HARRISON E O PAPEL DOS MAPAS MUDIÁTICOS NA HISTÓRIA DA GEPOLÍTICA**

**André Reyes Novaes – UFRJ**  
andrenovaes@yahoo.com.br

### **RESUMO**

O presente artigo busca evidenciar a importância do estudo dos mapas midiáticos para se compreender a história da circulação das idéias geopolíticas. Considerando a geopolítica enquanto uma prática discursiva que não se limita a textos e imagens elaborados por acadêmicos e governantes, busca-se apresentar de maneira sucinta alguns mapas produzidos pelo artista norte-americano Richard Edes Harrinson. Sendo um dos principais produtores de mapas para jornais e revistas norte-americanos durante a segunda guerra mundial, Harrison pode ser considerado como um importante difusor de idéias geopolíticas na esfera “popular”, tendo influenciado significativamente na transformação da imaginação geográfica dos norte-americanos nos anos de conflito.

**Palavras-Chave:** Richard Harrison, mapas midiáticos, segunda guerra, geopolítica popular.

### **INTRODUÇÃO:**

A história da geopolítica é muitas vezes contada a partir dos textos de autores renomados ligados a instituições acadêmicas e governamentais. Partindo de seus contextos nacionais específicos, estes autores formularam teorias e estratégias políticas que influenciaram a imaginação e a ação de governantes e estadistas. No entanto, tão importante quanto estudar os principais textos geopolíticos que circularam entre este público relativamente restrito, é discutir como as idéias geopolíticas foram difundidas para uma ampla camada da população, principalmente através do estudo das imagens veiculadas pelos meios de comunicação.

Ao considerarem a geopolítica enquanto uma prática discursiva com “formas de expressão elitistas e populares”, Tuathail e Dalby (1998:4) argumentam que este campo não pode se limitar exclusivamente as idéias de alguns “homens de conhecimento”. Em outras palavras, a geopolítica não seria apenas uma atividade confinada a pequenos ciclos, mas estaria nas ruas e seria acessível ao homem

comum através de diversas formas de representação artística, que formariam uma espécie de “geopolítica popular” (p.9).

Buscando evidenciar a importância do estudo da imprensa e suas imagens para se compreender a história da circulação das idéias geopolíticas, este artigo apresenta de maneira breve alguns aspectos da obra de Richard Edes Harrison. Sendo um dos principais artistas que produziam mapas para jornais e revistas norte-americanos durante a segunda guerra mundial, Harrison pode ser considerado como um autor importante na difusão de idéias geopolíticas. Suas imagens apareciam com frequência na imprensa e auxiliaram a desenvolver uma espécie de “*map mania*” nos EUA durante o período de guerra. Colados nas paredes das casas através de pôsteres e reproduzidos em anúncios propagandísticos e capas de livros didáticos, os mapas de Harrison influenciaram significativamente na internacionalização da imaginação norte-americana durante a segunda guerra (Henrikson, 1974, Shulten, 1998, Cosgrove e Dora, 2005).

A partir do objetivo específico de oferecer um breve comentário sobre o famoso trabalho de Richard E. Harrison, este texto busca valorizar o estudo de uma dimensão “popular” da geopolítica clássica e contemporânea, argumentando que enquanto uma prática discursiva, este campo não pode ficar restrito ao trabalho de alguns “homens de conhecimento” (Tuathail e Dalby, 1998). A primeira seção busca evidenciar como o estudo das imagens artísticas já configura um campo consolidado na chamada “geopolítica crítica anglo-saxã”, onde a “geopolítica popular” (Sharp, 1998) encontrou um terreno bastante fértil, comparado aquele dedicado a geopolítica “formal” ou “prática” (Tuathail e Dalby, 1998).

Posteriormente, busca-se exemplificar alguns argumentos elencados através da criativa cartografia de Richard E. Harrison, que ao circular cotidianamente através da imprensa norte-americana construiu um discurso geopolítico rapidamente assimilado pela população. Assim como os escritos de acadêmicos como Nicholas John Spykman e os discursos de políticos como Franklin Delano Rosevelt, os mapas de Harrison são documentos fundamentais para se compreender a imaginação geopolítica norte-americana durante a segunda guerra mundial. Através deste exemplo, busca-se estimular o estudo de uma “geopolítica popular” no Brasil,

abrindo caminho para objetos renovados que relacionem imaginação geopolítica e imagens midiáticas.

### **Geopolítica Popular e Imaginação Geográfica**

A imprensa caminhou lado a lado com os discursos geopolíticos ao longo do século XX. Difundindo formas de se imaginar e conceber o mundo, ela foi uma ferramenta fundamental para construir alteridades e estabelecer diferenças entre “nós” e “eles”, divisões básicas para a legitimação das guerras e empreitadas coloniais (Said, 1997). O papel da imprensa na imaginação nacional é destacado por teóricos renomados do nacionalismo (Anderson, 2008), mas mesmo que os jornais tenham sido utilizados para difundir discursos geopolíticos desde o seu surgimento, esta relação parece não ter sido sistematicamente estudada ao longo do século XX.

Há bastante tempo os norte-americanos já alertavam para a circulação de mapas feitos por alemães em jornais e revistas comercializados em seu território (Speier, 1941, Boggs, 1947). No entanto, a guerra fria, que para alguns teria sido uma “guerra de palavras” (Kaldor, 1990), estimulou como nunca o reconhecimento do papel da mídia na legitimação de ações geopolíticas. Considerando o conflito de “visões” existente neste período, Kaldor (1990) destacou que “a forma como descrevemos o mundo, as palavras que usamos, definem como vemos o mundo e como decidimos agir” (Kaldor, 1990:29). Influenciando a opinião pública através de imagens de distintas partes do mundo, a imprensa poderia evidenciar uma clara relação entre imaginação geográfica e ação geopolítica.

É a partir desta citação do artigo de Kaldor (1990:25) que Tuathail e Agnew (1992) buscam re-conceitualizar criticamente a geopolítica enquanto uma “prática discursiva”. Inspirados pela noção de discurso de Michael Foucault (1997) e pelas geografias imaginativas estudadas por Edward Said (2003), estes autores concebem a geopolítica como uma representação do mundo que busca caracterizar tipos particulares de “lugares, pessoas e dramas”. Daí uma possível ênfase na imprensa enquanto difusora e produtora destes discursos.

Ao desenvolverem os argumentos apresentados no artigo pioneiro de Tuathail e Agnew (1992), Tuathail e Dalby (1998) definiram três tipos de discurso

que podem contribuir para se entender como a geopolítica vai “além dos homens de conhecimento” (p.7). O primeiro discurso seria o da geopolítica formal, feito por acadêmicos e intelectuais que produzem “estudos estratégicos, relatórios burocráticos e doutrinas políticas” (p.8). Este seria o discurso mais comumente associado com o estudo da geopolítica, que se concentrou com muita frequência em grandes teorias escritas por poucos autores. O segundo discurso da geopolítica seria aquele vinculado a geopolítica prática, relativa ao aparato burocrático do governo e seus dirigentes, que produzem discursos políticos, ações estatais e práticas diplomáticas. Por fim, a chamada geopolítica popular seria o terceiro discurso destacado, considerando a cultura midiática de massa e a formação da opinião pública.

O desenvolvimento daquilo que têm se chamado de “geopolítica popular”, têm estimulado o estudo das representações midiáticas de lugares específicos através de objetos diversificados. Estudando filmes (Crampton e Powell 2005), revistas (Sharp, 1996), cartuns (Dodds, 1996), quadrinhos (Dittmer, 2005, 2007) e mapas jornalísticos (Vujakovic, 2002, Kosonen, 1999), estes trabalhos vêm utilizando a geopolítica crítica como abordagem teórica para o estudo da mídia como uma importante fonte de informação sobre o imaginário geopolítico. Observa-se, portanto, que as imagens midiáticas já encontram espaços cativos nos trabalhos de autores interessados em estudar a geopolítica passada e contemporânea.

Mas embora seja possível separar a produção de discursos geopolíticos em esferas distintas, relacionadas à academia, o governo ou a mídia, é válido ressaltar que o mais interessante seria explorar as interações mútuas entre estes discursos. Os exemplos são muitos e poucos foram os discursos geopolíticos que não circularam por estas três esferas. No entanto, o contexto Norte-Americano durante a segunda-guerra mundial parece ser um caso bastante elucidativo e três personagens podem exemplificar estas interações discursivas: Nicholas J. Spykman, Theodore D. Roosevelt e Richard E. Harrison.

No âmbito da geopolítica formal, o professor da Universidade de Yale e diretor do Instituto de Estudos Internacionais, Nicholas Spykman se destacou neste período por sintetizar os principais dilemas da política externa norte-americana. Em 1942, o autor escreve “*Americans Strategy in World Politics*”, onde apresenta uma

tese bastante explícita sobre o debate entre isolacionistas e intervencionistas na política externa norte-americana. Enquanto os isolacionistas defendiam que os EUA deveriam se manter fora do conflito mundial, Spykman se baseia em Clausewitz para legitimar a guerra como “a mera continuação da política por outros meios” e estimular a presença Norte-Americana no conflito. Lembrando a Doutrina Monroe de 1823, o autor defende que os EUA nunca foram isolacionistas e que deveriam atuar de forma contundente na guerra em curso.

Neste mesmo ano, 1942, Spykman também escreve um artigo chamando a atenção para as relações entre “fronteiras, segurança e organização internacional”, onde o autor busca rediscutir o papel das fronteiras no contexto da guerra tridimensional. Considerando a nova “era do ar”, comandada pelos aviões, Spykman chama a atenção para o fato de que as bases naturais e os estados tampões, temas tão recorrentes na geopolítica clássica, perderiam importância nos novos conflitos mundiais. Este fato também relativizava o isolacionismo norte-americano, pois muitos teóricos entendiam que os EUA estavam protegidos do conflito mundial pela presença dos oceanos Atlântico e Pacífico, que funcionariam como uma barreira natural de contenção dos inimigos.

O ataque aéreo dos japoneses a base de Pear Harbour em sete de dezembro de 1941 já havia contribuído para impulsionar os Norte-Americanos para a guerra e relativizar qualquer abordagem isolacionista. Segundo Henrikson (1974), este foi um evento geopolítico que “revolucionou a imaginação geográfica dos Americanos”, que se surpreenderam com a distância percorrida entre o ponto de partida e o destino do ataque. Tendo na cabeça o mundo marítimo de Mercator, os norte-americanos nunca imaginavam que os aviões japoneses cruzariam 3.500 milhas de mar aberto para atacar o Havaí, pois “ocidente era ocidente e oriente era oriente” (Henrikson, 1975). Corroborando com as colocações de Spykman, este acontecimento transformou profundamente a concepção espacial dos EUA enquanto território isolado.

No âmbito da geopolítica prática, este discurso formal aparece com muita clareza nas declarações do então presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt. Eleito em 1933, Roosevelt foi o único presidente norte-americano a ser escolhido para mais de dois mandatos e suas declarações frequentemente se

direcionavam a população como um todo, tendo sido o primeiro presidente norte-americano a aparecer na televisão. Em seu discurso justificando a entrada dos Americanos na guerra, em 23 de fevereiro de 1942, o presidente deixava clara a relação entre imaginação geográfica, cartografia e política internacional, afirmando que os Americanos aprenderam uma lição: "não podemos mensurar nossa segurança em termos de milhas em nenhum mapa nunca mais".

Os pronunciamentos de Roosevelt buscavam estimular uma nova imaginação geográfica internacional na população do seu país. Afirmando que "esta guerra é diferente de todas no passado, não apenas por seus métodos e armas, mas também por sua geografia" (Henrikson, 1975), o presidente norte-americano deu amplo destaque à representação cartográfica para justificar a necessidade de uma guerra global. O presidente deixava clara sua vontade de mobilizar a população para compreender porque o governo enviaria jovens americanos para lutar em países desconhecidos por grande parte da população: "nós lutaremos nestes locais vastos e distantes porque é onde os inimigos estão". Neste contexto Roosevelt estimulou diretamente a divulgação de mapas na imprensa para "auxiliar" na compreensão da guerra, se dirigindo a população quase como um "professor de geografia" (Henrikson, 1975):

*"Eu vou pedir aos Americanos para jogar fora seus mapas. Eu vou falar sobre lugares estranhos que muitos nunca ouviram falar - lugares que são agora o campo de batalha para a civilização. Eu vou pedir aos jornais para imprimir mapas de todo o mundo. Eu quero explicar para as pessoas algo sobre geografia" (Rosevelt, 1942 apud Henrikson, 1975. grifo nosso).*

Mesmo antes da solicitação do presidente, os jornais norte-americanos já estavam publicando uma série de mapas, gerando uma espécie de "map mania" entre a população durante a guerra. Dando uma expressão visual e "popular" aos discursos geopolíticos "formais" e "práticos", muitos artistas teriam possibilitado um melhor "entendimento da guerra pelo homem comum" (Ristow, 1957). Ristow (1957) reconstitui este processo no qual o trabalho do artista gráfico, que era desvalorizado e feito geralmente por um "freelancers", passa a ser valorizado como um posto importante em jornais e revistas que associavam seus mapas com o estilo do design gráfico da reportagem. Muitos artistas alcançam certa fama neste período, associando seu estilo pessoal a um meio de comunicação específico, como foi o

caso de Emil Herlin, no New York Times, Charles Owens, no Los Angeles Post e Richard Harrison, na revista Fortune.

Richard E. Harrison tem sido apontado como um dos principais expoentes de uma série de artistas gráficos que popularizaram uma nova visão de mundo entre os norte-americanos e podem ser considerados fundamentais na difusão de uma “geopolítica popular”. Formado em arquitetura e tendo trabalhado com design de interiores, o autor compreendeu que mais do que mapas precisos e cartas de locais longínquos, o que os norte-americanos necessitavam de uma “figura mental renovada do mundo e das inter-relações geográficas e estratégicas entre suas partes” (Henrikson, 1975).

Nesse sentido, Harrison se utilizou de muitas práticas cartográficas pouco frequentes nos mapas ditos “científicos”, desenvolvendo um novo tipo de linguagem para os mapas na imprensa. Como observou Ristow (1957:369), “no esforço para simplificar, para o leigo, o entendimento dos mapas e a geografia do mundo, a cartografia jornalística foi conduzida a experimentar com novas idéias no design e simbolização”. Na seção seguinte buscarei explorar algumas das experiências estéticas desenvolvidas por Harrison para difundir um discurso geopolítico “popular”, dando especial atenção para as projeções utilizadas pelo autor em uma série de mapas produzidos para a revista Fortune.

### **Richard Edes Harrison e o Papel da Mídia na Geopolítica Norte-Americana**

A partir da necessidade de representar uma perspectiva global e destacar o impacto dos aviões na geopolítica internacional, Harrison parece ter compreendido que visão de mundo difundida pela projeção Mercator deveria ser explicitamente combatida através dos mapas na imprensa. Escrevendo em 1944, Harrison criticava os geopolíticos alemães por traçarem estratégias não globais e se limitarem a projeção Mercator, que ignorava o “fato de um mundo redondo” (p.10). Na realidade, esta projeção acabava estimulando a identificação de áreas isoladas no globo e foi inclusive difundida pelos próprios alemães nos EUA com o intuito de convencer o país a não entrar na segunda guerra. O famoso mapa abaixo (figura 1), concebido por Karl Haushofer e publicado nos EUA pela biblioteca de informação alemã

através da revista “*Facts in Review*” em Abril de 1941, tinha claramente este objetivo, utilizando a projeção Mercator para definir “áreas de influência específicas” na geopolítica mundial.

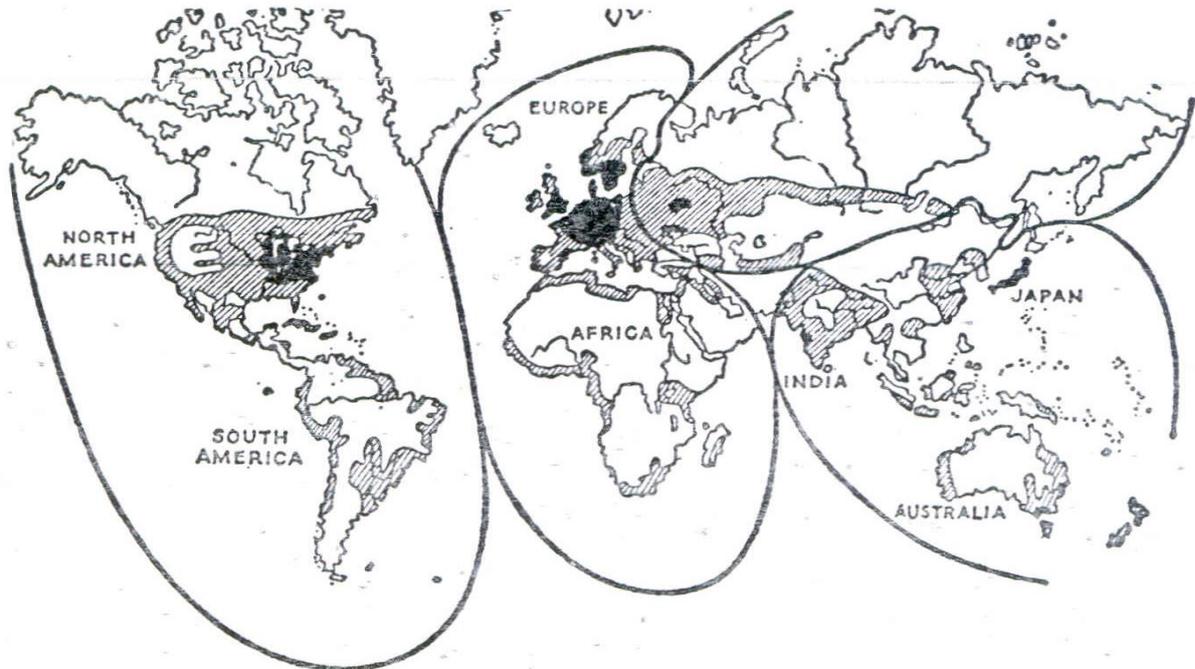


Figura 1- *Facts in Review*, 13 de Abril de 1941.

Criada durante o século XVI com intuito de facilitar a navegação, a projeção Mercator segue até hoje sendo muito influente na forma como imaginamos o mundo. Conservando as formas em detrimento das proporções, esta projeção diminui as áreas próximas ao equador e tem sido usada para "naturalizar" uma "ordem global" específica. Além de diferenciar claramente o “Sul” do “Norte”, esta projeção também favorece a identificação de “ilhas” (Mackinder, 1905), ou áreas extensas isoladas no globo. No mapa acima os EUA aparecem isolados dos conflitos que estariam ocorrendo na Europa e sua área de influencia estaria restrita as Américas. Protegidos por dois oceanos o país estaria protegido e ao olhar esse mapa muitos norte-americanos poderiam pensar que não havia a necessidade de entrar na guerra.

Mas não eram apenas os alemães, interessados na neutralidade norte-americana, que difundiam mapas na projeção Mercator nos EUA. Na realidade esta era a projeção oficial nas escolas do país, com a diferença para o fato de que geralmente os mapas eram centrados nos EUA e não na Europa, como no caso do

mapa de Haushofer. Através de mapas em projeção Mercator que colocavam os EUA no “centro do mundo”, as crianças norte-americanas cresciam com uma noção de “isolamento” ainda maior, pois os oceanos Pacífico e Atlântico pareciam uma barreira natural bastante extensa. Como destaca Shulten (2001), essa idéia isolacionista do mundo difundida pela projeção Mercator só começará a ser alterada na segunda guerra mundial, "quando mais Americanos tiveram contato com mapas do que em qualquer outro período da história" (p.1).

É neste contexto de Richard E. Harrison busca difundir uma nova imagem de mundo para os norte-americanos, uma imagem mais condizente com os discursos internacionalistas e intervencionistas que circulavam no âmbito formal e prático da geopolítica do país. Segundo o autor, a “revolução aérea” teria tornado a projeção Mercator obsoleta, pois as rotas aéreas não obedecem aos mesmos condicionantes do que a navegação. Neste contexto o artista defende explicitamente o uso de projeções como a ortogonal, que uma vez centrada no polo sul poderia evidenciar como os EUA estaria “próximos” da Europa e da Ásia. Desta forma os mapas de Harrison buscavam transformar "o Pólo Norte de uma barreira para uma arena de comunicação e conflito" (Shulten, 2001:217)

Um dos primeiros mapas feitos por Harrison em projeção polar azimutal apareceu em uma edição especial da revista Fortune publicada em março de 1942 (figura 2). A revista, publicada alguns meses antes da entrada dos EUA na guerra, trazia uma série de reportagens sobre as possibilidades de internacionalização do conflito. O mapa de Harrison, centrado no Pólo Norte, aproximava os EUA de outros continentes e conseqüentemente auxiliava a diminuir a noção de "isolacionismo". O título da reportagem a qual o mapa acompanhava, "um mundo, uma guerra", já era bastante sugestivo, e evidenciava as intenções de difundir um discurso geopolítico explícito de intervencionismo para a população norte-americana.

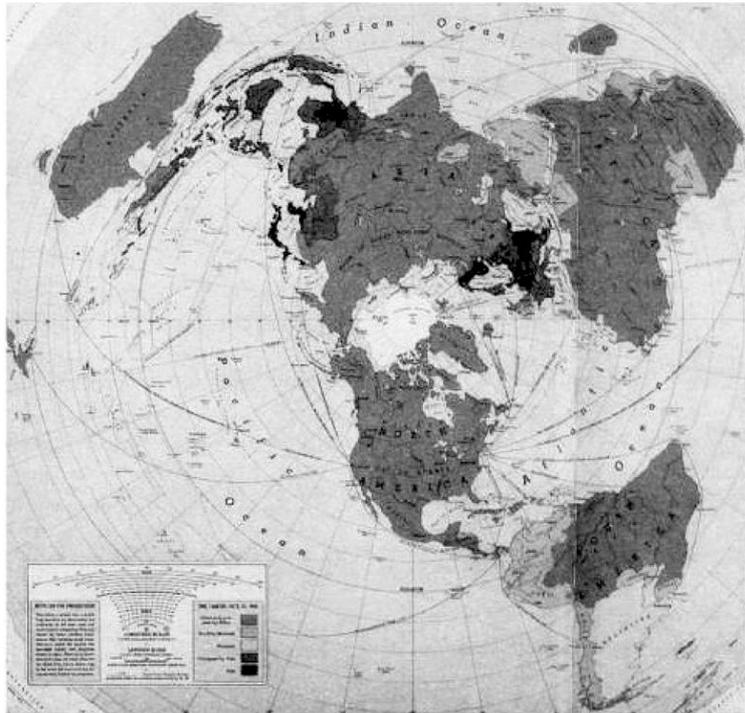


Figura 2- Fortune, 1941

As notícias da guerra e o investimento na produção de mapas para o grande público estimularam uma "*map-mania*" entre os norte-americanos no início dos anos 1940 (Schulten, 1998). Neste contexto, os mapas de Harrison, que se tornaram muito populares e passaram a decorar muitas casas de família e escolas, certamente foram importantes para legitimar a internacionalização da guerra. Nas palavras de Schulten (1998:180), o "trabalho de Harrison encorajou os Americanos a abraçarem um destino internacional e se prepararem para o compromisso total com a causa Aliada". A imagem abaixo (figura 3) apresenta a projeção polar azimutal, popularizada por Harrison, sendo incorporada a um livro didático de geografia em 1944. Schulten (1998) utiliza esta imagem para evidenciar como durante a década de 1940 as escolas adotaram um "currículo geopolítico" e os mapas com esta projeção eram importantes para criar um "senso de proximidade" (p.177). Nasce uma nova imaginação geopolítica nos EUA que é rapidamente incorporada pela geografia escolar.



Figura 3- American Textbook, 1944. Fonte: Schulten, 1998.

Outra projeção muito frequentemente adotada por Harrison, e que talvez tenha sido a mais importante para difundir uma nova "idade do ar" na cartografia e na imaginação popular norte-americana, foi a ortográfica, chamada por Cosgrove (2005:388) de "*high-oblique perspective*". Essa projeção, popularmente conhecida como "olhos de pássaro" ("*bird's eye view*") foi, segundo Cosgrove (2005), desenvolvida dos primeiros anos da cartografia moderna europeia, relacionada com a arte de pintura de paisagens. O autor cita como exemplo cartógrafos venezianos de 1500, que faziam mapas da cidade tomando como pontos de vista uma perspectiva oblíqua, como se o artista estivesse sobrevoando a cidade.

Esta representação "quase pictórica", que se apresentava "como uma fotografia de satélite" (Henrikson, 1975:33), teria sido a forma mais eficiente encontrada por Harrison para sugerir a esfericidade da terra e situar o leitor em pontos de vista diferenciados no globo. Usando uma projeção com métodos bastante artísticos, Harrison colocava o leitor "dentro do mapa" para lembrar que o "a aviação teria criado novas realidades para as viagens e movimentos" (Schulten, 1998:180). Substituindo a visão Mercator centrada no "homem-do-mar", Harrison auxilia na difusão de uma nova visão de mundo, focada agora no "homem-do-ar" (Henrikson, 1975, Schulten, 1998 e Cosgrove, 2005). Esta forma de representação

pictórica é recorrentemente exemplificada pelos mapas abaixo (figura 4).



Figura 4- Revista Fortune. Setembro de 1940. Fonte: Shulten, 1998.

Estreitamente ligados com o novo período da aviação mundial, os mapas de Harrison foram inclusive aproveitados pelo exercito norte-americano para treinar pilotos que jogariam bombas em locais distantes e pouco conhecidos (Henrikson, 1975). Apresentando os EUA "visto" de diferentes posições do globo, o autor ajudava a retratar a guerra para o público de uma forma menos "tradicional e estática" como se era visto em muitos mapas com caráter mais "científico" (Ristow, 1957). Na visão dos EUA a partir de Tóquio, observa-se como este tipo de projeção introduzia uma nova forma de imaginação geográfica na cabeça dos norte-americanos, pois "a rota polar conectando o Japão com o Alaska, efetivamente transformava o Oceano Pacifico de um corpo massivo de água protegendo os EUA em um pequeno lago", que poderia ser cruzado facilmente como ocorreu um pouco depois da publicação deste mapa com o ataque de Pearl Harbour em 1941

(Schulten, 1998:180).

Observa-se, portanto, que assim como os textos formais de Nicholas J. Spykman e os discursos práticos de Franklin D. Roosevelt, os mapas de Harrison também buscavam legitimar a entrada dos Norte-Americanos na segunda guerra mundial e quebrar qualquer posição isolacionista do país no conflito. Mesmo antes do ataque dos japoneses aos EUA, Harrison já difundia novas imagens do mundo e seus mapas, publicados em reportagens especiais, atlas populares e livros didáticos tiveram certamente um alcance muito mais abrangente do que os discursos formais e práticos difundidos por acadêmicos e governantes. Contribuindo para transformar significativamente a imaginação geopolítica norte-americana, estes mapas midiáticos são a expressão de uma “geopolítica popular”, e devem ser considerados documentos históricos profundamente relevantes para se compreender a circulação de idéias geopolíticas durante a segunda guerra mundial.

#### **Apontamentos Finais:**

Escrevendo em um período em que o impacto da imprensa ainda era extremamente reduzido - ou muitas vezes inexistente - Hobbes (2002) já destacava que “a guerra não consiste só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida”. Através do exemplo específico e muito brevemente apresentado neste texto, é possível constatar como a mídia deve ser considerada como um elemento fundamental neste “conhecimento” da vontade de realizar as guerras e demais ações geopolíticas. É através dos discursos que circulam nos meios de comunicação que estas ações se tornam viáveis, criando relações de alteridade que dão suporte para sua efetivação. Considerando o papel fundamental da mídia nas trocas globais a partir da segunda metade do século XX, fica evidente que uma análise da história da idéias geopolíticas não pode excluir este elemento. Tão importante quanto entender as idéias de acadêmicos e governantes é compreender a sua popularização e a sua circulação para uma ampla camada da população. É nesse sentido que uma “geopolítica popular” deve ganhar cada vez mais espaço nas análises contemporâneas, que devem valorizar trocas e interações entre diversos

tipos de discurso. Ao considerar a narrativa de acadêmicos, governantes, artistas e jornalistas, a geopolítica se expande, rompendo a barreira de um campo restrito a alguns “homens de conhecimento” (Dalby e Tuathail, 1998).

O objetivo principal deste texto, para além de apresentar os famosos mapas de Richard E. Harrison, foi justamente difundir a idéia de uma “geopolítica popular”, ainda muito pouco discutida pela geografia política brasileira. Quando discutimos temas distintos como geografia militar, fronteiras, meio ambiente e políticas territoriais, certamente as imagens difundidas pela mídia perpassam muitos de nossos comentários e ajudam a estruturar padrões comuns de entendimento dos problemas contemporâneos. No entanto, essas informações são muitas vezes tratadas como secundárias ou menos importantes e pouca atenção tem sido dada as linguagens e narrativas difundidas pelas imagens midiáticas. O conhecimento de uma bibliografia internacional que valoriza a circulação de idéias geopolíticas pode, assim, estimular novas agendas de pesquisa na geografia política brasileira.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ANDERSON, B. (2008): *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

BOOGS, S. (1947). *Cartohypnosis*. *Scientific Monthly* 64 (6): 469-75.

COSGROVE, D, dell Dora, V. (2005): *Mapping Global War: Los Angeles, the Pacific, and Charles Owens's Pictorial Cartography*. *Annal of Association of American Geographers*, 95

(2), p. 373- 90.

CRAMPTON, A. e POWELL, M. (2005): *Reel Geopolitics: Cinemato-graphing Political*

*Space*. *Geopolitics*. 10:193 - 203.

CULCASI, K. (2006): *Cartographically constructing Kurdistan within geopolitical and orientalist discourses*. *Political Geography* 25 (2006) 680-706.

DALBY, S. (1990): *American Security Discourse: The persistence of Geopolitics*. *Political Geography Quarterly* 9, 171-188.

\_\_\_\_\_ (1990): *Creating the Second Cold War: The Discourse of Politics*.

London.

Printer.

DOODS, K. (1996): The 1982 Falklands War and a critical geopolitics eye: Steve Bell and the If...cartoons. *Political Geography* 15. 6;7:517-92.

FOUCAULT, M. (1997): *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

HARRISON, R. e WEIGERT, H. (1944): "World View and Strategy" in Weigert and V. Stefansson (eds). *Compass of the World*. New York: Macmillan.

HENRIKSON, A. K. (1974): 'Maps, globes and the 'Cold War"', *Special Libraries*, 65, 10-11, 445-54.

\_\_\_\_\_ (1975): The map as an idea: The role of cartographic imagery during the Second World War. *American Cartographer* 2 (1): 19-88.

HOBBS, T. (2002): *Os elementos da lei natural e política: tratado da natureza humana, tratado do corpo político*. Trad. Fernando Dias Andrade. São Paulo: Ícone.

KALDOR, M. (1990): After the Cold War. *New Left Review*. 80, p. 25 – 37.

KOSONEN, K. (1999): Maps, newspapers and nationalism: The Finnish historical experience. *GeoJournal*, 48, 91 - 100.

RISTOW, W. W. (1957): "Journalistic Cartography". *Surveying and Mapping* 17, (4): 369 – 390.

SAID, E. (1997): *Covering Islam. How the Media and the experts Determine How we see the World*. New York. Vintage Books.

\_\_\_\_\_ (2003): *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rousaura Eichenberg. São Paulo. Companhia das Letras.

SPYKMAN, N. J. (1942): *American's Strategy in World Politics. The United States and the Balance of Power*. New York: Harcourt.

\_\_\_\_\_ (1942): "Frontiers, Security and International Organization". *The Geographical Review*. Julho, 436 – 447.

- SHARP, J. (1996): Hegemony, popular culture and geopolitics: The Reader's Digest and the construction of danger. *Political Geography*, 15(6/7), 557e570.
- SCHULTEN, S. (1998): 'Richard Edes Harrison and the challenge to American Cartography'. *Imago Mundi* 50 (1998):174-88.
- \_\_\_\_\_ (2001): *The Geographical Imagination in America, 1880-1950* (Chicago, University of Chicago Press.
- SPEIER, H. (1941): "Magic Geography". *Social Research*, 8, p. 310-330.
- TUATHAIL, G. and AGNEW, J. (1992): *Geopolitics and Discourse: Practical Geopolitical Reasoning in American Foreign Policy*. *Political Geography*, 11:190 - 204.
- TUATHAIL, G. e DALBY, S. (orgs) (1998): *Rethinking Geopolitics*. New York. Routledge.
- VUJAKOVIC, P. (2002): Mapping the war zone: Cartography, geopolitics and security discourse in the UK press. *Journalism Studies*, 3(2), 187e202.